

LINGÜÍSTICA: SEMÂNTICA, PRAGMÁTICA E ENUNCIÇÃO

MARIA APARECIDA GARCIA LOPES-ROSSI

UNITAU
digital





Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi

**Linguística: Semântica, Pragmática
e Enunciação**



Taubaté 2023



EXPEDIENTE EDITORA

edUNITAU

| Diretora-Presidente: Profa. Dra. Nara Lúcia Perondi Fortes

Conselho Editorial

| Pró-reitora de Extensão: Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

| Assessor de Difusão Cultural: Prof. Me. Luzimar Goulart Gouvêa

| Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas: Shirlei de Moura Righeti

| Representante da Pró-reitoria de Graduação: Profa. Ma. Silvia Regina Ferreira Pompeo de Araújo

| Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação: Profa Dra. Cristiane A. de Assis Claro

| Área de Biociências: Profa. Dra. Milene Sanches Galhardo

| Área de Exatas: Prof. Dra. Érica Josiane Coelho Gouvêa

| Área de Humanas: Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves

| Consultora Ad hoc: Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

Equipe Técnica

| NDG – Núcleo de Design Gráfico da Universidade de Taubaté

| Coordenação: Alessandro Squarcini

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi/ UNITAU Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

L864I Lopes-Rossi, Maria Aparecida Garcia
Linguística: semântica, pragmática e enunciação / Maria
Aparecida Garcia Lopes-Rossi. – Taubaté : EdUnitau, 2023.

Formato: PDF

Requisitos do sistema: Adobe

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-65-86914-62-7 (on-line)

1. Semântica. 2. Pragmática. 3. Enunciação. I. Título.

CDD – 412

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Índice para Catálogo sistemático

Semântica – 412

Pragmática – 418

Enunciação – 410

Copyright © by Editora da UNITAU, 2023

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



Reitora Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes
Vice-reitor Prof. Dr. Luiz Carlos Maciel
Pró-reitor de Administração Prof. Dr. Renato Rocha
Pró-reitor de Economia e Finanças Prof. Dr. Antonio Ricardo Mendrot
Pró-reitora Estudantil Profa. Dra. Alexandra Magna Rodrigues
Pró-reitora de Extensão Profa. Dra. Leticia Maria P. da Costa
Pró-reitora de Graduação Profa. Dra. Máyra Cecilia Dellú
Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação Profa. Dra. Monica Franchi Carniello
Comissão de Gestão Compartilhada EaD Unitau Esp. Helen Francis Silva
Me. José Maria da Silva Junior
Dra. Márcia Regina de Oliveira

Revisão ortográfica-textual Prof. Me. João de Oliveira
Profa. Ma. Isabel Rosângela dos Santos Amaral
Designer Instrucional Andressa Ferreira Moreira
Direção de arte Unitau Digital
Projeto Gráfico/ Diagramação Tiago Ferreira Vieira

Autor Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi

Unitau-Reitoria Rua Quatro de Março,432, Centro
Taubaté – São Paulo. CEP:12.020-270
Central de Atendimento:0800557255

Polo Taubaté – Sede Rua Conselheiro Moreira de Barros, 203 - Centro
Taubaté – São Paulo. CEP:12.010-080 Telefones:
Coordenação Geral: (12) 3621-1530
Secretaria: (12) 3622-6050

Sumário

Unidade I.....	8
Semântica.....	8
Introdução.....	9
1.1 O que é semântica.....	10
1.2 Alguns exemplos de sentidos de palavras isoladas e em contextos de uso....	14
1.3 A sinonímia.....	18
1.4 Síntese da Unidade.....	21
1.5 Para saber mais.....	22
Unidade II.....	24
Paráfrase, ambiguidade e pressuposição.....	24
Introdução.....	25
2.1 A sinonímia entre frases (sentenças): paráfrase.....	26
2.2 Ambiguidade.....	29
2.3 Pressuposição.....	33
2.4 Síntese da Unidade.....	40
2.5 Para saber mais.....	41
Unidade III.....	42
Pragmática.....	42
Introdução.....	43
3.1 Aspectos pragmáticos da linguagem.....	44
3.2 Alguns exemplos para análise.....	45
3.3 Mais um exemplo.....	47
3.4 Síntese da Unidade.....	50
3.5 Para saber mais.....	50
Unidade IV.....	51
Enunciação.....	51
Introdução.....	52
4.1 A enunciação no contexto dos estudos linguísticos.....	53
4.2 A concepção enunciativo-discursiva da linguagem.....	57
4.3 A BNCC e a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem.....	59
4.4 Síntese da Unidade.....	62
4.5 Para saber mais.....	63

Recursos de Imersão:



Explorando ideias



Eu indico



Pensando juntos



Pímulas de conhecimento



Podcast



QRCode



Linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação





Unidade I

Semântica

O objetivo desta Unidade é apresentar o nível semântico da língua, que se refere ao significado ou sentido. Busca-se responder à pergunta: “De onde vêm ou onde estão os significados das palavras da língua?”. Será abordada a semântica da palavra e suas limitações. O conceito de sinonímia será detalhado, com considerações sobre a inserção da semântica como um dos campos de conhecimento relacionados à análise linguística, no âmbito das práticas de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa.



Introdução

Esta Unidade apresenta a primeira parte dos subsídios teóricos que contribuem para o conhecimento do nível semântico da língua e de sua relação com os outros níveis linguísticos. Serão apresentados questionamentos sobre a origem dos significados das palavras da língua e sobre o que é possível compreender do significado de palavras e frases isoladas.

Estabelecidas as limitações do nível semântico da língua, considerado apenas com base na materialidade linguística restrita à palavra ou à frase, estudaremos como um conceito ampliado de língua/linguagem, que incorpora o nível extralinguístico (extraverbal) – aspectos sociais, culturais, históricos, pragmáticos, cognitivos, ideológicos, entre outros – contribui para os sentidos das palavras, no contexto real de comunicação.

O conceito semântico de sinonímia será definido, exemplificado e comentado. Também serão tecidas considerações sobre como inserir a semântica nas práticas de análise linguística, no ensino de Língua Portuguesa, a partir do que prescreve a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2018).

Bons estudos!

1.1 O que é semântica

Semântica é o estudo do significado.

Essa parece ser uma resposta simples. No entanto, como explicam Ilari (1982) e Ilari e Geraldi (1985), o que é exatamente significado ou sentido tem sido um problema para filósofos e linguistas há séculos. Sabe-se que todas as línguas dependem de palavras e sentenças dotadas de significado ou das quais se podem depreender significados. Mas onde estão os significados ou os sentidos? Nas palavras? Nas frases? No texto como um todo? No leitor ou ouvinte ou falante? No contexto? No conjunto disso tudo?

Por que é tão difícil determinar a origem do significado ou do sentido? Por que isso tem sido um problema para filósofos e linguistas?

O que os estudos linguísticos contemporâneos têm a nos dizer sobre isso?

Como abordar a questão do significado no ensino de Língua Portuguesa?

Para responder a essas perguntas, iniciemos retomando o conceito de língua já estudado em outra disciplina para verificar onde se insere o nível semântico no conjunto dos elementos que constituem uma língua.

Qual é o nível semântico da língua?

Ao longo da primeira metade do século XX, a língua foi estudada apenas nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico, como representa a figura a seguir.

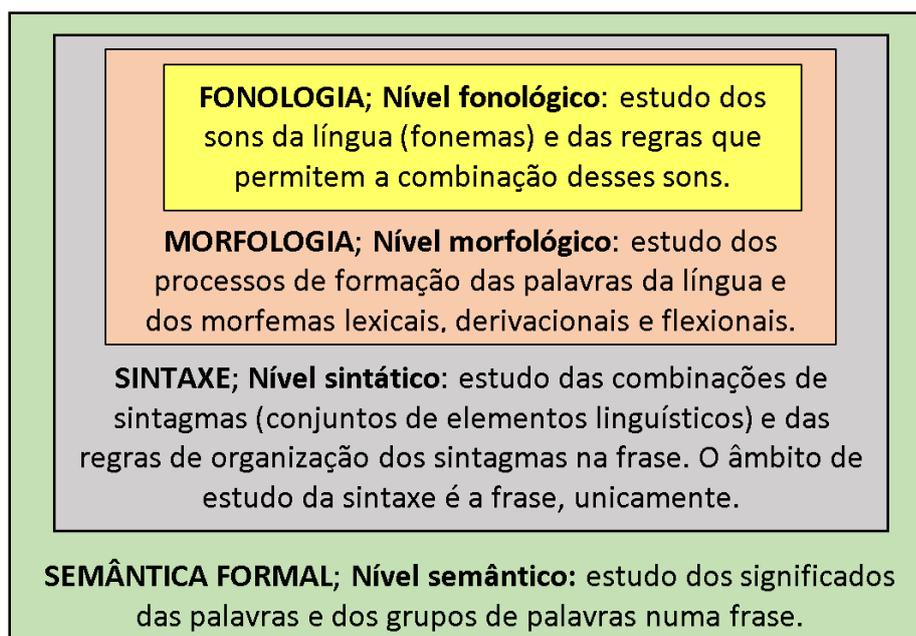


Figura 1. Representação da língua como uma estrutura

Fonte: Lopes-Rossi (2022)

Nessa concepção, as palavras e as frases seriam “recobertas” por uma camada de significado. Nessa perspectiva estruturalista, a análise de um texto seria limitada, no máximo, à consideração das palavras e das frases isoladamente, ou seja, com base na materialidade linguística.

O problema todo para os estudos linguísticos desse período em que se consideravam apenas esses níveis estruturais da língua, como mostra a Figura 1, é que ficou claro que os significados das palavras e frases isoladas constituem só uma parte dos significados de uma produção de linguagem. Os estudos linguísticos contemporâneos mostram que temos que buscar os sentidos – o termo “sentido” é mais amplo do que “significado” – em contextos maiores de produção de linguagem, muito além das palavras e frases isoladas.

O que é possível compreender do significado de palavras e frases isoladas e por que isso é pouco para expressar os sentidos das produções reais de linguagem oral ou escrita?

Nessa perspectiva de língua representada na figura 1, como explica Camara Jr. (1980), as significações na língua dizem respeito ao semantema (significado, o conceito a que a palavra remete) e aos morfemas (categorias gramaticais). Os morfemas são partes das palavras que podem ser derivacionais (que formam palavras), e flexionais verbais (expressam tempo, modo, pessoa e número) e nominais (expressam feminino ou masculino, singular ou plural). Repare que, com a palavra isolada, seu sentido é muito restrito.

Mulheres	Mulher = conceito relativo à pessoa do sexo feminino
	(morfema flexional de número) es = plural
Infiel	(morfema derivacional) In = não
	fiel = conceito relativo a ser leal
Estudaremos	estuda = conceito relativo à ação de estudar
	(morfema flexional de tempo e modo) re = tempo futuro (futuro do presente)
	(morfema flexional de pessoa e número) mos = 1ª pessoa do plural (nós)

Essa semântica da palavra isolada traz um significado básico, descritivo, em “estado de dicionário”. No entanto, no uso real da língua, as palavras assumem outros sentidos, dependendo do contexto, como estudaremos mais adiante.

Ilari (1982) explica que muitos linguistas estudaram as propriedades semânticas de unidades linguísticas (itens lexicais/palavras) relacionadas na frase, mas ainda era uma abordagem limitada do sentido, porque permanecia “[...] no âmbito de uma análise da língua enquanto sistema (num sentido quase saussuriano do termo – em oposição a uma análise dos usos da língua em situações concretas)” (p. 12-13). Outros tentaram estabelecer fórmulas para derivar o sentido da estrutura das frases e estabelecer as condições de verdade dos enunciados. Sempre, quando se trata de frases isoladas, o significado que se obtém é restrito.

Como comenta Lyons (1979, p. 425), “muitos linguistas chegaram a duvidar da possibilidade de o significado poder ser estudado objetiva e rigorosamente como a Gramática e a Fonologia”. Ainda segundo esse conceituado linguista inglês, apenas a definição de que semântica é o “estudo do significado” reflete um ponto de acordo entre os semanticistas. “Quando examinarmos os tratamentos específicos do assunto, confrontar-nos-emos com uma desorientadora variedade de abordagens para a definição e a determinação do significado” (LYONS, 1979, p. 428).

Como, então, os professores de Língua Portuguesa podem trabalhar com a semântica em sala de aula?

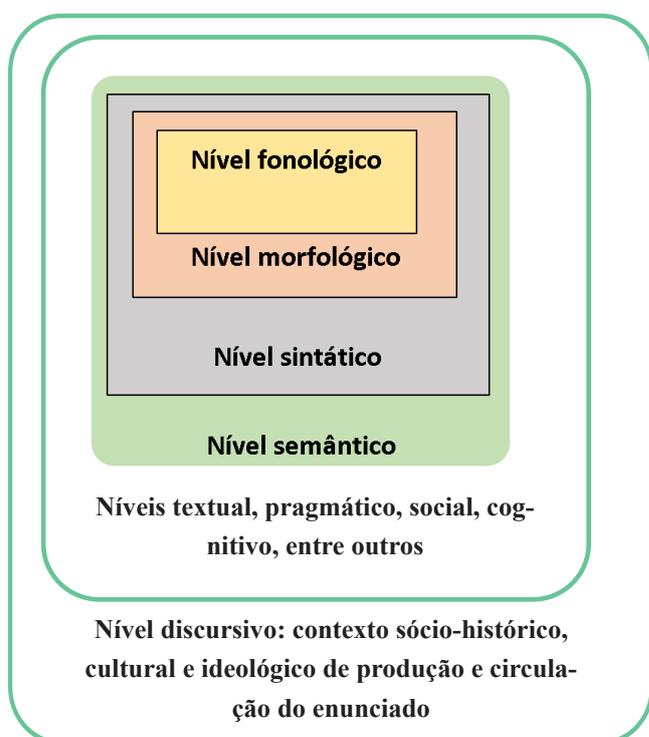
É importante lembrar que a Linguística contemporânea assume um conceito ampliado de língua, de forma que é impossível definir o significado com base apenas na materialidade linguística restrita à frase. O conceito de língua/linguagem se ampliou e incorporou o nível extralinguístico (extraverbal), que comporta os aspectos sociais, culturais, históricos, pragmáticos, cognitivos, ideológicos, entre outros. Assim, passou-se de uma Linguística da língua para uma Linguística da enunciação ou do discurso, a depender da teoria considerada. Esse campo da enunciação ou do discurso também pode ser referido como enunciativo-discursivo.

A abordagem enunciativo-discursiva da linguagem desenvolvida pelo filósofo russo Bakhtin e por seu círculo de colaboradores, na primeira metade do século XX, também contribuiu para o entendimento atual de que a língua/linguagem humana precisa ser estudada na completude de seus enunciados concretos, como resultado de processos de interação e comunicação verbal entre sujeitos ativos, que se constituem nessas interações (BRAIT, 2016). Essa é a concepção de linguagem assumida pela Base Nacional Comum Curricular, BNCC

(BRASIL, 2018). Vamos estudá-la com mais detalhes na Unidade 4.

No ensino de Língua Portuguesa, portanto, temos que considerar a semântica das palavras num sentido mais amplo, lembrando que elas não carregam apenas um significado dicionarizado. A plenitude do sentido ocorre com as palavras envolvidas pelo contexto, no enunciado inteiro.

A figura 2 a seguir, já estudada em outra disciplina, representa essa atual concepção de língua com as dimensões formais, estruturais, comunicativas e interativas, cognitivas e sócio-históricas da linguagem verbal humana que precisam ser consideradas quando se busca descrever o sentido de palavras em textos/enunciados (produções reais de linguagem em uso).



A língua não é sequer uma estrutura; ela é estruturada simultaneamente em vários planos, tais como o fonológico, o sintático, o semântico e o cognitivo, que se organizam no processo de enunciação. A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto. (MARCUSCHI, 1996, p. 71-72)

Figura 2. Língua como fenômeno sócio-histórico
Fonte: Lopes-Rossi (2022)

No caso do estudo dos sentidos das palavras da língua, não se desprezam as significações que dizem respeito ao semantema e aos morfemas das palavras. No entanto, acrescentam-se outras dimensões ao significado de cada palavra, possibilitando muitos sentidos. Como explica Marcuschi (2008), o sentido de uma sentença é muito mais do que o produto da soma de suas partes.

Essa ideia de sentidos de palavras no contexto real de comunicação é o que deve guiar o ensino de Língua Portuguesa.

1.2 Alguns exemplos de sentidos de palavras isoladas e em contextos de uso

O que significa a palavra “mulher”?

Isoladamente, remete ao conceito relativo “a pessoa do sexo feminino, singular” (uma mulher, em oposição ao plural “mulheres”).

Em contextos de comunicação, essa palavra poderá adquirir outros sentidos, dependendo da situação, da época, do lugar e de inúmeros fatores que compõem o contexto social, histórico, cultural, ideológico (valores que determinado grupo de pessoas defende). Pense em sentidos possíveis para estas situações:

- No trânsito, o carro da frente faz uma manobra brusca e alguém que está no seu carro diz: **É mulher!**

Dependendo da época, do lugar e de inúmeros fatores que compõem o contexto social, histórico, cultural, ideológico, a palavra “mulher” vem carregada de sentido negativo, machista, discriminatório. Se a pessoa que ouviu essa fala não concorda com esses valores negativos atribuídos às mulheres, provavelmente ficará incomodada ou vai protestar.

Ao contrário, se a pessoa que ouviu essa fala tem um comportamento machista, vai entender que “mulher”, nesse contexto, também significa “pessoa do sexo feminino que não sabe dirigir bem mesmo”.

- Nós defendemos os direitos das **mulheres!**

Essa fala, dita em algum meio de comunicação ou em alguma manifestação, nos dias atuais, permite compreender a palavra “mulheres” como “pessoas do sexo feminino”, mas também muito além disso. Pode incluir em seu sentido “pessoas que se identificam com a identidade de gênero feminino”, independentemente da designação que receberam ao nascer, de acordo com sua genitália. Esse sentido amplo de “mulheres” pode ser positivo para uma parcela das pessoas que ouvem essa fala, mas pode ser negativo para outra parcela.

- Ela foi uma **mulher** do século XVIII.

Nesse enunciado, para além do sentido de “pessoa do sexo feminino, singular”, entendemos que essa pessoa tinha um comportamento, um estilo de vida, uma participação na sociedade condizente com uma época em que as mulheres apenas cuidavam da casa, dos filhos, eram

dependentes e submissas aos pais e maridos, possivelmente não estudavam, enfim, eram muito diferentes das mulheres atuais. Muito desse sentido de “mulher do século XVIII” vai depender também do lugar onde essa mulher vivia, da sua condição social. Depende também dos conhecimentos de mundo de quem ouve/lê esse enunciado, ou seja, de aspectos cognitivos dessa pessoa. Se ela não souber nada a respeito de história e de cultura relativas ao século XVIII, possivelmente vai construir um sentido restrito ou equivocado para essa “mulher”.

Esses exemplos evidenciam que os sentidos das palavras se constroem no enunciado (no ato de comunicação), de acordo com o contexto social, histórico, cultural, ideológico das pessoas envolvidas no enunciado. A gama de sentidos percebida em um enunciado varia de pessoa para pessoa porque cada uma também utiliza seus conhecimentos prévios, suas vivências, suas emoções, enfim, suas habilidades cognitivas para interagir com os textos (orais ou escritos). Existem, portanto, muitos fatores envolvidos na construção de sentidos. Os sentidos não vêm prontos, “empacotados” com as palavras.

Mesmo o sentido básico, descritivo, dicionarizado das palavras muda com o tempo, em função de acontecimentos e valores de cada momento sócio-histórico: algum sentido de uma palavra pode deixar de existir; outros podem ser acrescentados; outros passam a ser considerados ofensivos, não adequados a novos tempos. Isso quer dizer que as mudanças diacrônicas (históricas) da língua afetam também a semântica das palavras. A língua é viva e seu léxico (conjunto de palavras) é dinâmico: muda e se reconfigura para atender às demandas e aos valores de cada época. Pense em sentidos das seguintes palavras ao longo do tempo:

- **Pirata:** antigamente era apenas o ladrão dos mares. “Piratária” era a ação praticada pelos ladrões dos mares. Atualmente, “pirata”, quase sempre, se refere a produtos copiados de marcas famosas, falsificados, vendidos ou obtidos sem pagamento de direitos autorais.

- **Rede:** antigamente referia-se a instrumento de pesca ou a artefato para dormir. Depois passou a ser usado para rede de esgoto, rede elétrica. Hoje também se refere à internet (sistema global de redes de computadores interligadas), uma rede tão presente e importante nas nossas vidas! Atualmente, “cair na rede”, “estar na rede”, “fazer conteúdo para a rede” referem-se à internet, e não à rede de pesca ou outra.

- **Casamento:** antigamente era a união legalizada (na igreja, ou no cartório, ou em ambos) de duas pessoas de sexo diferente. Atualmente, o sentido de “casamento” se ampliou muito. Fala-se em casamento de pessoas de sexo diferente que vivem juntas, em um relacionamento amoroso, mesmo que não tenham legalizado o estado civil de “casados” no cartório ou na igreja. Também a palavra “casamento” pode se referir ao relacionamento homoafetivo. Em



alguns países esse casamento é legalizado, em outros países não é (caso do Brasil). Isso significa que, dependendo do país, esse “casamento” homoafetivo tem sentido diferente com relação à legalização. A palavra “casamento”, seja homoafetivo ou não, também tem sentidos emocionais diferentes para as pessoas, dependendo da experiência pessoal de cada uma. Há quem deseje viver um casamento, e há quem diga “Casamento? Nem pensar!”.

• **Aleijado, deficiente físico:** no passado, esses eram os termos utilizados para designar pessoa com alguma imperfeição ou incapacidade física. Durante décadas, a sociedade considerou essas palavras normais, sem problema. Há alguns anos, felizmente, nossa sociedade começou a discutir questões de racismo, discriminação, inclusão, acessibilidade, e novas palavras passaram a fazer parte do cotidiano. Os termos “aleijado” e “deficiente físico” passaram a ter um sentido negativo e que demonstra que quem os usa não está atualizado com relação às demandas da sociedade contemporânea. As palavras adequadas para esse caso passaram a ser “pessoa com deficiência”.

É importante notar que todas essas questões semânticas são decorrentes do fato de a língua se realizar no contexto sócio-histórico, como mostra a figura 2, e os sentidos se construírem de acordo com os valores e crenças de cada época.

A respeito da terminologia sobre deficiência na era da inclusão, veja o início do texto de Sasaki (2011), divulgado pela Câmara dos Deputados:

Usar ou não usar termos técnicos corretamente não é uma mera questão semântica ou sem importância, se desejamos falar ou escrever construtivamente, numa perspectiva inclusiva, sobre qualquer assunto de cunho humano. E a terminologia correta é especialmente importante quando abordamos assuntos tradicionalmente eivados de preconceitos, estigmas e estereótipos, como é o caso das deficiências que vários milhões de pessoas possuem no Brasil. Os termos são considerados corretos em função de certos valores e conceitos vigentes em cada sociedade e em cada época. Assim, eles passam a ser incorretos quando esses valores e conceitos vão sendo substituídos por outros, o que exige o uso de outras palavras. Estas outras palavras podem já existir na língua falada e escrita, mas, neste caso, passam a ter novos significados. Ou então são construídas especificamente para designar conceitos novos. O maior problema decorrente do uso de termos incorretos reside no fato de os conceitos obsoletos, as ideias equivocadas e as informações inexatas serem inadvertidamente reforçados e perpetuados.

Para ler o texto completo e saber mais sobre o tema, consulte:

SASSAKI, Romeu K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. 2011.

<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao#:~:text=O%20termo%20%E2%80%9C-deficiente%E2%80%9D%2C%20quando,CORRETO%3A%20pessoa%20com%20defici%C3%Aancia%20f%C3%ADsica.>

No ensino de Língua Portuguesa, portanto, os efeitos de sentido das palavras devem ser percebidos no contexto da produção de linguagem em que as palavras aparecem; os alunos devem se acostumar a analisar os principais fatores que determinam certos sentidos mais do que outros, em cada contexto, bem como as palavras que são mais adequadas em cada produção de linguagem. Devem aprender a reconhecer as diversas possibilidades de sentido das palavras e entender que isso é um fenômeno natural da linguagem verbal humana.

É por isso que a BNCC (BRASIL, 2018) insere a semântica como um dos campos de conhecimento relacionados à análise linguística, no âmbito das práticas de linguagem inter-relacionadas às práticas de uso e de reflexão sobre a linguagem. O objetivo geral da semântica para o ensino de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, é:

Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, tais como aumentativo/diminutivo; sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia; figuras de linguagem; modalizações epistêmicas, deônticas, apreciativas; modos e aspectos verbais. (BRASIL, 2018, p. 82).

1.3 A sinonímia

Alguns conceitos semânticos merecem lugar no ensino de Língua Portuguesa por serem frequentemente mencionados ou por se referirem a fatos da língua bastante frequentes. No entanto, não devem ser estudados só para os alunos decorarem “O que é...”, ou para identificarem e grifarem isso ou aquilo. Precisam fazer parte de uma reflexão sobre a língua e seu funcionamento. Os alunos precisam participar de atividades de análise linguística que contribuam para o desenvolvimento de sua competência léxico-gramatical (conhecimento das palavras, da morfologia e da sintaxe da língua) e de sua competência léxico-discursiva (de como as palavras significam nas reais situações de comunicação/enunciados).

Vejam os detalhes o conceito semântico de sinonímia.

O que é sinonímia? Existem palavras verdadeiramente sinônimas?

A sinonímia é definida como identidade de significação: duas palavras que têm exatamente o mesmo significado.

A partir dessa definição, e com base em Lyons (1987), podemos dizer que as palavras são completamente sinônimas se, e somente se, forem completamente sinônimas em todos os seus significados e contextos de ocorrência, de forma que se possa substituir uma palavra pela outra, em determinado contexto, sem nenhuma mudança de sentido. O autor comenta que as palavras, além do seu significado descritivo (de dicionário), têm “camadas” de significado expressivo (afetivo), social, cultural, regional, histórico (relacionado a um fato ou a uma época), entre outros.

Uma análise mais rigorosa do significado das palavras tradicionalmente consideradas sinônimas mostra que a sinonímia absoluta é praticamente inexistente nas línguas. Lyons (1987) afirma que a sinonímia absoluta está provavelmente restrita a um vocabulário técnico altamente especializado (puramente descritivo). Um exemplo do português pode ser *cefaleia* e *cefalgia* (a popular dor de cabeça). Mesmo nesses casos, ocorre que um dos dois termos passa a ser o mais usado, considerado o termo-padrão, e acaba se tornando mais familiar para as pessoas. Nesse exemplo, *cefaleia* parece ser o termo mais usado, mais conhecido. Ilari e Geraldini (1985, p. 47) afirmam que: “Palavras presumivelmente sinônimas sofrem sempre algum tipo de especialização, de sentido ou de uso”.

Em resumo: palavras absolutamente sinônimas não existem.

Quando considerarmos duas palavras como sinônimas, devemos lembrar que elas são quase sinônimas, apresentam poucos traços semânticos diferentes e, por isso, podem ser intercambiáveis no mesmo contexto. Mas não são idênticas quanto aos seus sentidos.

“Palavras sinônimas”, portanto, sempre será um termo usado no sentido amplo, admitindo a existência de pequenas diferenças.

É importante que o usuário da língua analise essas diferenças, tente identificar os porquês delas e decida se a troca de uma palavra pela outra trará ou não mudança muito grande de significado para o texto. Isso é um exercício de análise linguística com foco no componente semântico da língua.

Vamos analisar alguns casos de (quase) sinonímia?

Analise os textos abaixo e destaque os aspectos semânticos das palavras grifadas que as tornam quase, mas não absolutamente sinônimas. Imagine um contexto em que esses textos poderiam ter sido produzidos. Qual palavra parece se encaixar melhor?

1. Muito prazer! Eu sou o José da Silva e esta é minha senhora / minha esposa / minha mulher.
2. O José é meu empregado / funcionário / colaborador.
3. Cuidado, cão / cachorro bravo!
4. Você pode ganhar 500 mil reais! / meio milhão de reais!
5. Aquele menino / garoto / guri / moleque é o Joaquim.

Nos exemplos a seguir, a sinonímia se mantém em alguns contextos, porém não em outros. Isso mostra que o contexto de uso da palavra deve ser sempre considerado. O asterisco é usado para indicar inadequação ao contexto (caso em que a palavra não cabe).

6. menina pequena / menininha

Ela tem uma menina pequena / menininha, de 2 anos, e um menino maior.

Você é uma *menina pequena / menininha linda!

7. alegre / contente / satisfeita

Ela está alegre / contente / satisfeita com a mudança de casa.

Este é um ambiente alegre / *contente / *satisfeito.

Comi bastante, já estou *alegre / *contente / satisfeita.

Nesses exercícios de leitura explorando a construção de diferentes sentidos para palavras sinônimas, o professor também deve levar em conta que o estudante pode construir vários sentidos para uma determinada palavra do texto a partir de seus conhecimentos prévios e dos condicionamentos técnicos, sociais, culturais e ideológicos que envolvem o ato de produção e de recepção do texto. As percepções de todos os estudantes sobre os sentidos possíveis nunca serão idênticas.

A escolha de uma ou outra possibilidade da língua, por parte do produtor do texto (enunciador), também reflete, além desses fatores comentados, a relação que ele quer estabelecer com seu co-enunciador (ouvinte ou leitor), se pensarmos da perspectiva da Pragmática. Esse aspecto da língua será estudado na Unidade 3. As escolhas pragmáticas de palavras (qual se encaixa melhor, significa de forma mais adequada) referem-se especialmente à forma como quem produz um texto quer ganhar a simpatia e a adesão do outro.

Os exemplos mostraram como os sentidos das palavras não dependem apenas do significado dicionarizado. Pesquisas mais modernas contestam a existência de sentido referencial (descritivo) até no dicionário. Um exemplo é o artigo de Smith (2005), disponível na internet.

Para ler o texto completo e saber mais sobre o tema, consulte:

SMITH, M. Competência lexical, dicionário e discurso: encontros e estranhamentos. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 40, n. 1, p. 183-198, março de 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13730/9112>. Acesso em: 02 set. 2020.

1.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, aprendemos que:

- Determinar o que é significado ou sentido das palavras tem sido um problema para filósofos e linguistas há séculos.
- Os estudos mostraram que, se considerarmos a língua apenas como uma estrutura e buscarmos os sentidos das palavras e das frases isoladas, obteremos apenas as significações da língua que dizem respeito ao semantema (significado, o conceito a que a palavra remete) e aos morfemas (categorias gramaticais). Esse significado é muito restrito, descritivo, em “estado de dicionário”.
- A Linguística contemporânea assume um conceito ampliado de língua, o que impossibilita definir o significado com base apenas na materialidade linguística restrita à frase. É preciso considerar o nível extralinguístico (extraverbal, ou contexto sócio-histórico de realização da língua), que comporta os aspectos sociais, culturais, históricos, pragmáticos, cognitivos, ideológicos, entre outros.
- Assim se obtém sentidos para as palavras do enunciado inteiro, envolvidas pelo contexto real de comunicação.
- A gama de sentidos percebida em um enunciado varia de pessoa para pessoa porque cada uma também utiliza seus conhecimentos prévios, suas vivências, suas emoções, enfim, suas habilidades cognitivas para interagir com os textos (orais ou escritos). Existem, portanto, muitos fatores envolvidos na construção de sentidos. Os sentidos não vêm prontos, “empacotados” com as palavras.
- É por isso que, no ensino de Língua Portuguesa, os alunos devem se acostumar a analisar os contextos que determinam certos sentidos mais do que outros, as palavras que são mais adequadas em cada produção de linguagem.
- O conceito semântico de sinonímia é interessante para exercícios de análise linguística que mostram que a sinonímia absoluta não existe quando as palavras estão contextualizadas. Por meio desses exercícios, é possível perceber como diversos fatores do contexto sócio-histórico e habilidades cognitivas do ouvinte ou leitor contribuem para a construção de sentidos para as palavras.

1.5 Para saber mais

Para se aprofundar na fundamentação teórica sobre semântica, você pode consultar os textos citados nesta Unidade. As referências completas estão a seguir.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, R. de O. (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 13-30.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. 6. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

ILARI, Rodolfo. Introdução. In: DASCAL, Marcelo (org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística: Semântica**. Vol. III. Campinas: [s. e.], 1982. p. 7-27.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

LYONS, John. **Introdução à Linguística Teórica**. Tradução: Rosa V. M. e Silva; Hélio Pimentel. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

LYONS, John. **Linguagem e Lingüística**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Sequência didática de leitura de gêneros discursivos como uma possibilidade prática na pedagogia dos multiletramentos. In: BUNZEN, C. (org.). **Pedagogização dos gêneros no contexto brasileiro: críticas, possibilidade e desafios**. Recife: Pipa, 2022. E-book. ISBN: 978-65-87033-34-1. (No prelo).

MARCUSCHI, Luiz A. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996. p. 64-82. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2067/2036>.



MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.



Unidade II

Paráfrase, ambiguidade e pressuposição

O objetivo desta Unidade é apresentar os conceitos semânticos de sinonímia estrutural (de frases/sentenças), de ambiguidade e de pressuposição. São conceitos frequentemente citados e merecem destaque nas práticas de análise linguística dos sentidos da língua, nas aulas de Língua Portuguesa. Sugestões de exercícios dessa natureza serão apresentadas e comentadas.



Introdução

Esta Unidade apresenta a segunda parte dos subsídios teóricos que contribuem para o conhecimento do nível semântico da língua com relação aos conceitos de paráfrase, ambiguidade e pressuposição.

Inicia-se com a sinonímia estrutural (de frases/sentenças) consideradas, numa análise semântica menos rigorosa, como tendo o mesmo sentido. Uma sentença considerada normalmente como sinônima de outra é chamada de paráfrase. A Unidade vai mostrar exemplos de como estabelecer uma reflexão sobre a semântica dessas estruturas, discutindo sentidos possíveis das sentenças isoladas e das sentenças em contextos de uso da língua. Esse tipo de análise linguística contribui para que os estudantes desenvolvam maior percepção dos sentidos da língua no momento da leitura ou escuta ou, ainda, no momento de escolhas linguísticas necessárias para a produção de textos.

A Unidade segue com a apresentação do conceito semântico de ambiguidade. Exemplos comentados mostram como a ambiguidade pode ser um problema de redação por dificultar a compreensão, por apresentar dois sentidos possíveis que confundem o leitor ou ouvinte. Outros exemplos mostrarão, no entanto, que a maestria no uso dos recursos da língua pode tornar a ambiguidade um efeito de sentido interessante para os propósitos de alguns gêneros discursivos, como propagandas, tiras, piadas. A ambiguidade, nesses casos, é usada justamente para causar humor ou prender a atenção do leitor.

Finalmente, aborda-se a pressuposição, um tipo de sentido implícito que pode ou não ser marcado por certos itens lexicais (palavras). A análise dos casos de pressuposição fica interessante no ensino de Língua Portuguesa quando esses casos são considerados dentro da situação de comunicação, pois o sentido pressuposto pode também expressar crítica, elogio, autoridade, preconceito, rivalidade, entre outros.

Esse conjunto de conceitos contribui para que o/a professor/a de Língua Portuguesa desenvolva atividades de análise linguística visando à competência léxico-discursiva dos estudantes.

Bons estudos!

2.1 A sinonímia entre frases (sentenças): paráfrase

Os estudos semânticos também incluem a sinonímia estrutural (de frases/sentenças). Duas sentenças (frases) podem ser consideradas, numa análise menos rigorosa, como tendo o mesmo sentido. Numa análise rigorosa, percebe-se que a sinonímia absoluta entre sentenças não existe. Então, quando falarmos em “sentenças sinônimas”, estamos entendendo “quase sinônimas”, com algumas diferenças. Uma sentença considerada normalmente como sinônima de outra é chamada de paráfrase.

Um exercício interessante em sala de aula é analisar uma sentença e sua(s) paráfrase(s), sempre imaginando um contexto de uso, para identificar as diferenças.

Observe, nos exemplos abaixo, que a paráfrase pode se construir por troca de palavras (relação de sinonímia), por uma mudança na estrutura sintática ou por ambos os recursos. A troca de palavras pode trazer as diferenças de sentido que já comentamos nos exemplos da Unidade 1, seção 1.3. A mudança na estrutura sintática traz diferenças de sentido na ênfase, no destaque, no foco que a sentença dá a um tema ou a uma informação. Geralmente, o que vem primeiro recebe mais ênfase. Sujeito na voz ativa coloca o foco em quem fez a ação; sujeito na voz passiva coloca o foco em quem sofreu a ação.

Exemplo de uma sentença e três paráfrases:

O menino chegou atrasado à aula.

(“menino” é um termo usado em algumas regiões do país, não em todas; “O menino” é o sujeito, o foco está na sua ação. “Atrasado” tem um sentido bem negativo.)

O garoto chegou após o início da aula.

(“garoto” é um termo usado em algumas regiões; pode soar estranho para pessoas de outras regiões. O foco continua sendo no que o sujeito fez, mas “após o início da aula” pode soar menos negativo do que “atrasado”.)

Quando o menino chegou, a aula já havia começado.

(Foco na chegada do menino; não se menciona “atrasado”, “após o início”, o que ameniza o fato de ele estar atrasado.)

A aula já tinha começado na hora em que o menino chegou.

(Foco no início da aula; não se menciona que o menino estava “atrasado”, mas sim

que ele “chegou”. A sentença sobre o menino soa menos negativa.)

De acordo com Ilari e Geraldi (1985), a paráfrase tem fundamento real em semelhanças de significação das palavras ou das construções, mas essas semelhanças nunca são completas, como já estudamos a respeito da sinonímia. Muitas construções sintáticas podem garantir uma relação de paráfrase entre frases. Os exemplos a seguir foram transcritos de Ilari e Geraldi (1985, p. 48):

- a relação voz ativa / voz passiva

Pedro matou João. / João foi morto por Pedro.

(Na primeira, o foco está no assassino. Imagine a cena: o Pedro com a arma na mão. Na segunda, o foco está na vítima. Imagine a cena: João caído no chão, sangrando.)

- a construção de comparativo de igualdade

Pedro é tão bom quanto José. / José é tão bom quanto Pedro.

(Na primeira, o José é tomado como referência, como o exemplo de competência. Na segunda, Pedro é que é tomado como referência e exemplo de competência.)

- a construção dos comparativos de superioridade e inferioridade, formuladas nos dois sentidos:

Pedro é mais esperto do que José. / José é menos esperto que Pedro.

(Na primeira, o foco/destaque está na esperteza de Pedro. Na segunda, o foco está na inferioridade do José.)

Os autores comentam que “como no caso da sinonímia lexical, a escolha entre duas frases sinônimas por razões estruturais nunca é completamente inocente” (ILARI; GERALDI, 1985, p. 49). Exercícios de análise linguística com uma sentença e suas paráfrases, como os exemplos estudados, contribuem para que os estudantes passem a perceber melhor as nuances de sentidos dos textos. Esse conhecimento é útil na leitura e na produção textual. Muitas vezes, essas sutilezas de sentido, pequenas diferenças lexicais e sintáticas, fazem muita diferença no efeito pragmático dos textos orais e escritos, como veremos na Unidade 3, sobre Pragmática.

Vamos ver mais algumas sugestões de exercícios?

Faça quantas paráfrases puder para o enunciado abaixo, supostamente produzido por um médico explicando para seu paciente o que ele/ela tem. As suas paráfrases poderiam ser usadas com qualquer paciente, de qualquer nível de escolaridade ou região do país? Por quê?

Em que são diferentes da primeira frase?

Essa doença é assintomática.

Algumas paráfrases possíveis: Essa doença não apresenta sintomas. Você/ O Senhor/ A senhora não sente nada por causa dessa doença. Quem tem essa doença não sente nada de nada!

Faça quantas paráfrases puder para os enunciados abaixo. Suponha que você esteja falando com alguém. Todas as suas paráfrases terão os mesmos efeitos de sentido para o seu interlocutor? Por quê? Qual você acha que traria um impacto menos negativo no relacionamento com a pessoa que está recebendo a mensagem?

Você fica feia com esse vestido!

Algumas paráfrases possíveis: Você não fica bem com esse vestido. Esse vestido não fica bem em você.

A senhora está devendo uma parcela de pagamento nesta loja.

Algumas paráfrases possíveis: A senhora tem uma parcela em aberto nesta loja. Não acusamos o pagamento de uma parcela do seu carnê. O sistema não acusou o pagamento de uma parcela do seu carnê.

O senhor não entendeu a minha explicação.

Algumas paráfrases possíveis: Acho que eu não fui clara na minha explicação. Acho que a minha explicação não ficou clara.

Você mentiu.

Algumas paráfrases possíveis: Você faltou com a verdade. Suas declarações são falsas. Suas declarações não condizem com a verdade. Você não foi condizente com a verdade.

Você não entregou o exercício.

Algumas paráfrases possíveis: Não recebi o seu exercício. O seu exercício não foi enviado.

A escolha da melhor paráfrase para ser usada numa determinada situação está relacionada a aspectos pragmáticos e enunciativos/discursivos da linguagem. Esses aspectos exigem uma

concepção de língua como aquela representada na figura 2. É importante pensar que quem produz o texto (oral ou escrito) e quem o recebe (leitor ou ouvinte) são sujeitos participantes do contexto sócio-histórico, constituídos e envolvidos nas dezenas de fatores que caracterizam esse contexto.

2.2 Ambiguidade

De acordo com Ilari (2002, p. 9), “Ambiguidade é a característica das sentenças que apresentam mais de um sentido”. Ainda segundo o autor, muitos fatores linguísticos causam ambiguidade (duplo sentido), sendo os mais comuns os seguintes:

1. A sentença aceita duas análises sintáticas diferentes:

Ambulante vende clandestino no centro.

(Vende uma pessoa clandestina ou vende alguma coisa clandestinamente?)

2. O mesmo pronome aceita dois antecedentes:

Duquesa de York diz que nobreza quer manchar sua imagem.

(A imagem da Duquesa de York ou a imagem da nobreza?)

3. Uma mesma palavra tem dois sentidos diferentes:

Palmeiras só empatou com Bahia pelo Brasileiro.

(Empatou pelo povo brasileiro ou empatou pelo Campeonato Brasileiro?)

4. Uma mesma sequência de palavras pode ou não ser interpretada como uma frase feita:

O Senhor Guimarães caiu das nuvens.

(Caiu lá de cima, de um avião, ou metaforicamente ficou muito surpreso com alguma coisa?)

Quando a ambiguidade é um problema para a comunicação?

Na grande maioria dos textos, a ambiguidade (duplo sentido) é um problema de redação porque pode causar dúvida sobre qual dos dois sentidos deve ser considerado. Seguem exemplos de exercícios de interpretação e redação que podem ser feitos nas aulas de Língua Portuguesa.

O primeiro já apresenta as duas respostas possíveis. Os demais apresentam apenas a dica

de quais são as duas interpretações possíveis. Você redige as duas frases completas.

As frases a seguir são ambíguas. Escreva as duas possíveis interpretações para elas:

a) José viu Pedro andando no Shopping.

(Uma interpretação: José estava andando. A outra interpretação: Pedro estava andando.)

José estava andando no Shopping quando viu Pedro.

José estava no Shopping (parado ou dentro de uma loja) e viu Pedro andando.

b) Encontramos o José chegando à escola.

(Uma interpretação: José estava chegando. A outra interpretação: nós estávamos chegando.)

c) A professora disse à aluna que ela não entendeu suas palavras.

(Uma interpretação: as palavras são da professora. A outra interpretação: as palavras são da aluna.)

d) José disse a Pedro que ficou chateado com a reprovação dele.

(Uma interpretação: O José reprovou. A outra interpretação: O Pedro reprovou.)

e) O bêbado bateu na velha de bengala.

(Uma interpretação: A velha estava de bengala. A outra interpretação: O bêbado bateu com uma bengala.)

f) Ele viu o incêndio do prédio.

g) (Uma interpretação: ele estava no prédio, mas o incêndio era em outro lugar. A outra interpretação: o incêndio foi no prédio.)

Quando a ambiguidade é um recurso de linguagem para causar um efeito de sentido interessante?

Em outros contextos de comunicação, como naqueles em que circulam propagandas, tiras, piadas, a ambiguidade é usada justamente para causar humor ou prender a atenção do leitor. Geralmente o efeito se dá porque a interpretação menos provável é a que deve ser compreendida. Essa quebra de expectativa causa o humor ou o impacto que se deseja. Veja os

casos a seguir.

Meu terapeuta disse: “Escreva cartas para pessoas que você odeia e as queime”.

Fiz isso, mas agora não sei o que fazer com as cartas.

(Efeito de humor causado pela ambiguidade do pronome “as”. A interpretação mais provável seria queimar as cartas. A segunda frase revela que quem escreveu as cartas queimou as pessoas! Essa quebra de expectativa gera o humor.)

O Tião, que mora lá no interior de Minas Gerais, não estava nada bem. Foi ao médico, explicou todas as suas dores e saiu de lá decidido a cumprir o que o médico tinha aconselhado. Chegou em casa e falou para a mulher:

- Maria, nós vamo tê que mudá do estado de Minas Gerais.

- Mas por causa de que que nós vamo tê que mudá, Tião?

- Porque o doutor falô que no estado que eu tô, se eu bebê um tiquim mais de pinga eu morro!

(Humor causado pelos dois sentidos possíveis de “estado”: estado de saúde e estado de Minas Gerais. O médico estava se referindo ao estado de saúde. O Tião entendeu que era ao estado de Minas Gerais.)

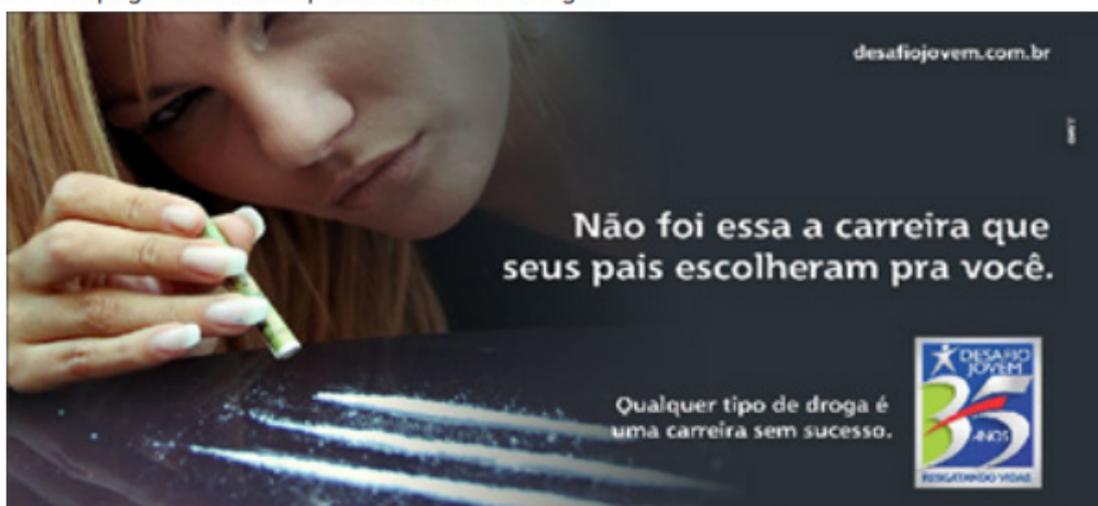


Fonte: Jornal O Estado de S. Paulo

(Ambiguidade causada pelo pronome ela: a cachorra Porpeta ou a casa do Chico Bento. O mais natural é que a cachorra esteja cheia de pulgas. Mas o Zé Lelé, que é o dono da cachorra, não aceitando ou admitindo que sua cachorra está cheia de pulgas, entendeu que o “ela” se refere à casa do Chico Bento. Essa quebra de expectativa gera o humor.)

Observe o uso muito eficiente da ambiguidade (duplo sentido) da palavra “carreira” (profissão ou uma porção de cocaína arrumada num formato de linha), na seguinte propaganda social. Esse gênero discursivo tem o propósito de conscientizar o público-alvo para uma mudança de atitude, para uma boa ação. É um gênero que se utiliza muito do recurso da ambiguidade.

Figura 1 – Propaganda de campanha contra as drogas



Fonte: <http://desafiojovem.com/>. Acesso em: 28/03/2016.

Esse exemplo foi tirado do artigo acadêmico de Uchôa e Cabral (2020).

Para ler o artigo completo e saber mais sobre o tema, consulte:

UCHÔA, Sayonara A. de Oliveira; CABRAL, Symara A. A. de Oliveira. Propaganda e ambiguidade lexical: estratégia para construção persuasiva e ensino de leitura. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, n.3, p. 469 – 482. Publicação Contínua – 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p469-482. Acesso em: 02 set. 2022.

2.3 Pressuposição

Parte dos significados que se podem construir para muitas frases depende de algumas inferências bem restritas, marcadas por palavras ou expressões do texto explícito. Estamos falando de um tipo de texto implícito chamado de “pressuposição”, estudado pela Semântica Formal.

A pressuposição é um tipo de “verdade implícita” – não é explicitada no texto, mas é compreendida – restrita por certas condições-de-verdade das sentenças. O Novo Dicionário Aurélio a define assim: Pressuposição: pressupor 1) supor antecipadamente, conjecturar, presumir. 2) fazer supor, dar a entender, subentender. Pressuposto: circunstância ou fato considerado como antecedente necessário a outro. Muitas sentenças veiculam conteúdos pressupostos.

Quando se fala em pressuposto básico ou que o autor partiu de determinado pressuposto significa dizer, como explicam Ilari e Geraldi (1985), que há um conteúdo implícito, sistematicamente associado ao sentido de uma oração, tal que a oração só pode ser verdadeira ou falsa se o conteúdo em questão for reconhecido como verdadeiro.

Como é isso?

Os pressupostos de um enunciado são as informações que ele contém fora da mensagem propriamente dita e que o falante/escritor apresenta como indiscutíveis, evidentes, verdadeiras. Assim, no texto “Pedro parou de fumar.” existe uma verdade “embutida”, ou seja, só faz sentido dizer que “Pedro parou de fumar” se for verdadeiro que “Pedro fumava”. Então:

Pedro parou de fumar.



Essa palavra remete a uma afirmação sobre algo existente ou acontecido antes desse enunciado, que é “Pedro fumava”.

“Pedro fumava” é o pressuposto da frase “Pedro parou de fumar”. Esse pressuposto é dado na frase como uma verdade. Se isso não for realmente verdade, alguém poderá contestar o pressuposto, dizendo: “Não, o Pedro nunca fumou!”.

Na frase “Pedro parou de fumar”, “parou” é a palavra que indica que essa afirmação se baseia em um pressuposto (tomado como uma verdade). “Parou” é, então, um marcador de

pressuposição.

Há frases com pressupostos, mas sem marcador de pressuposição?

Sim. Certas afirmações deixam subentendido que há uma verdade existencial – um pressuposto existencial – por trás da afirmação. Isso acontece sem uma palavra que marque a pressuposição. Nesse caso, a frase só será verdadeira, válida, se o pressuposto existencial for também verdadeiro.

Exemplos de frases verdadeiras porque o pressuposto é verdadeiro:

- O rei do Reino Unido é casado.

O que é explicitado na frase: algo sobre o estado civil do rei do Reino Unido.

O que não está explicitado, mas pressuposto: Existe um rei do Reino Unido.

A frase é válida porque é verdade que “Existe um rei do Reino Unido”.

- Em 2022, o Dia dos Professores cai num sábado.

O que é explicitado na frase: algo sobre o Dia dos Professores.

O que não está explicitado, mas pressuposto: Existe um Dia dos Professores.

A frase é válida porque é verdade que “Existe um Dia dos Professores”.

- O aeroporto do Rio de Janeiro recebe muitos voos internacionais.

O que é explicitado na frase: algo sobre o aeroporto do Rio de Janeiro.

O que não está explicitado, mas pressuposto: Existe um aeroporto no Rio de Janeiro.

A frase é válida porque é verdade que “Existe um aeroporto no Rio de Janeiro”.

E se o pressuposto existencial for falso?

Se o pressuposto existencial for falso, toda a frase é falsa, não é válida. Veja os exemplos:

- O rei da França é casado.

O que é explicitado na frase: algo sobre o estado civil do rei da França.

O que não está explicitado, mas pressuposto: Existe um rei da França.

A frase não é válida porque não é verdade que “Existe um rei da França”.

Não faz sentido produzir essa frase porque ela parte de um pressuposto falso.

- Em 2022, o Dia dos Alunos cai numa sexta-feira.

O que é explicitado na frase: algo sobre o Dia dos Alunos.

O que não está explicitado, mas pressuposto: Existe um Dia dos Alunos.

A frase não é válida porque não é verdade que “Existe um Dia dos Alunos”.

Não faz sentido produzir essa frase porque ela parte de um pressuposto falso.

Esses exemplos mostram que o pressuposto existencial de uma frase/sentença é muito importante para seu sentido. Os leitores ou ouvintes estão constantemente construindo sentidos para os textos que leem ou ouvem a partir dos pressupostos existenciais das frases, além de outros elementos que compõem o sentido dos textos.

Quando o pressuposto existencial é falso, cabe a expressão popular “Nada a ver!”, como em:

- O aeroporto de Cachoeira de Minas recebe muitos voos internacionais.

Nada a ver! Essa cidade nem tem aeroporto!

A partir dos comentários de Ilari e Geraldi (1985) e de Koch (1984), há outros casos de pressuposição não marcada por marcador de pressuposição e que revelam sentidos interessantes.

Um caso é a pressuposição existencial ligada a um sintagma nominal precedido de artigo definido. O interlocutor espera que o falante seja coerente, sincero, relevante, portanto, que fale sobre coisas existentes. Se o enunciado pressupõe a existência de algo ou alguém que de fato não existe, há duas possibilidades de ser interpretado: a) como incoerente, o falante está maluco; b) o falante não está maluco, portanto, deve estar falando ironicamente ou em sentido metafórico. Exemplos:

Em nossa sala de aula, naquele calor de novembro, o professor diz: Fulano, ligue o ar condicionado! Não há ar condicionado. Ele só pode estar sendo irônico.

Um irmão, irritado com os maus modos do outro, lhe diz: Fulano, tire as patas de cima do sofá! Essa afirmação pressupõe a existência de um animal que tenha patas. Como o Fulano não é esse animal, deve estar sendo metaforicamente comparado a um. E, claro, aqui também há um sentido de crítica.

Ainda no caso dos pressupostos existenciais, ocorre muitas vezes de o interlocutor não conhecer uma verdade pressuposta no enunciado até ter contato com ele. Ao mesmo tempo, ele toma conhecimento da tal verdade – que às vezes se revela surpreendente – e recebe a

informação do enunciado. Exemplos:

Você lê o seguinte aviso na lousa da sala de aula: Os alunos do 3o ano que foram contemplados com bolsa de estudo devem comparecer à secretaria. Você pode ficar indignado, pois nem sabia que a escola estava dando bolsa de estudo! Ficou sabendo pelo pressuposto do aviso (Houve um oferecimento de bolsas de estudo).

E como são os casos de pressuposição com marcador?

As palavras ou expressões que introduzem pressuposição são chamadas de marcadores de pressuposição. São aquelas palavras que “dão a dica” de que há algo mais no sentido da frase que não está explicitado. Por exemplo:

- Você ainda não entendeu?

Essa frase pergunta mais do que se você entendeu. Ela tem por trás, subentendido, um pressuposto, uma afirmação que é considerada uma verdade para quem está perguntando. Para “um bom entendedor”, a pergunta traz um sentido por trás: “Você já deveria ter entendido”, ou “Você está demorando muito para entender”, ou “Você é meio lerdo para entender”. E qual foi a palavra que “puxou” esse pressuposto? Ainda. Na fala, dependendo da entonação desse “ainda”, o pressuposto pode vir com um tom de oferecimento de ajuda ou com um tom de reprovação ou até de ofensa. Experimente fazer essa pergunta dando várias entonações para esse “ainda”.

Você ainda não entendeu?



Pressuposto = verdade implícita associada ao sentido da oração
=> Você já deveria ter entendido. Está demorando muito para você entender. Você está meio lerdo para entender.

Algumas expressões ou palavras introduzem pressuposição na frase e precisam ser identificadas pelo leitor ou escritor hábil. Isso é importante para a construção de significados do texto porque o falante ou redator acredita que seu interlocutor ou leitor conhece o que é pressuposto. Além disso, o falante ou redator utiliza a pressuposição para impor ao interlocutor um certo quadro de ideias que devem ser assumidas como verdadeiras. Isso muitas vezes pode ser contestado por um interlocutor ou leitor atento e perspicaz.

Repare que, no diálogo abaixo, A pergunta para B, e B não responde sobre o que foi perguntado (se entendeu ou não), mas contesta o pressuposto de que “Está demorando muito para entender”.

A: – Você **ainda** não entendeu?

B: – Você pensa que eu sou o quê? Esse assunto é muito difícil!

Esse exemplo mostra que muitas das nossas conversas são baseadas em sentidos pressupostos, não explicitados no texto.

Que outras palavras podem funcionar como marcadores de pressuposição?

A partir dos comentários de Ilari e Geraldi (1985) e de Koch (1984), são **marcadores de pressuposição** certos verbos (continuar, perder, manter, deixar de, saber, ignorar, perceber, lamentar...), advérbios (mesmo, ainda, já, até mesmo...), conjunções (antes que, depois que ...), expressões (é que...). Exemplos:

- Até você colou na prova!

Entende-se (embora não tenha sido dito expressamente, ou seja, ficou pressuposto) que se esperava que você se comportasse de maneira diferente de todos os outros. Você era, até então, considerado um exemplo de bom aluno.

- Agora você tem opções!

Pressuposto: antes você não tinha.

- Você ficou ainda mais bonita com esse vestido!

Pressuposto: você já era bonita antes de usar esse vestido.

Pode ocorrer de a frase ter um marcador de pressuposição, você entender qual é a “verdade”

pressuposta, porém discordar dela por motivos religiosos, éticos, morais ou outros. Muita polêmica, discussão ou até briga resultam não exatamente do que foi dito textualmente, mas da rejeição da tal “verdade” pressuposta. São casos para os quais se aplica o ditado popular “Para bom entendedor, meia palavra basta!”, como:

- Maria dirige bem, apesar de ser mulher.
- Ela é pobre, mas é limpinha.
- Você não sabe fazer nem isso?

O verbo no imperativo é um outro caso de marcador de pressuposição. Frases imperativas pressupõem condições que, se não forem satisfeitas, tornam o ato incapaz (não apto) de ser executado. Exemplo:

- Feche a porta!

Pressupõe a existência de uma porta aberta e também de uma relação tal entre os interlocutores que autoriza alguém a dar a ordem e coloca o outro na possibilidade ou obrigação de executá-la.

Muitas discussões entre irmãos ocorrem por causa da contestação de pressupostos marcados pelo verbo no imperativo. Vamos supor um diálogo entre o irmão A e o irmão B:

A: – Feche a porta!

B: – Você não manda em mim! Feche você!

Repare que o irmão B não contestou o pressuposto de existência de uma porta aberta. Ele contestou o pressuposto de “o irmão A ter autoridade sobre ele para dar ordem”. Isso foi marcado pelo verbo no modo imperativo.

Alguns morfemas (partes de palavras) ou palavras apresentam significados que pressupõem alguma verdade. Exemplos:

- A missa de sétimo dia do Fulano será na próxima sexta-feira.

A frase afirma, explicitamente, sobre a data da missa de sétimo dia. Mas a palavra “Missa de sétimo dia” pressupõe que o Fulano morreu. Talvez você nem soubesse desse fato e fica sabendo pelo pressuposto. Quer dizer que você fica sabendo sem que a frase tenha explicitado “O Fulano morreu”.

Outro exemplo: suponha que você não estudou nada para a prova de História, não sabe nada do assunto, e depara-se com a seguinte questão:

• As três caravelas de Cristóvão Colombo, quando descobriu da América, chamavam-se....

Esse artigo definido “as” marca o pressuposto de que só existiam três caravelas nesse evento histórico. Você poderá dizer: “Eu nem sabia que eram só três caravelas!”. Você acabou aprendendo isso pelo pressuposto da frase.

Em frases em que há informações pressupostas, a transformação da frase em interrogativa ou negativa mantém os pressupostos. Assim, nas três frases abaixo mantém-se o pressuposto de que “havia outras coisas para a mãe fazer”:

- A mãe só lavou a louça.
- A mãe só lavou a louça?
- A mãe não lavou só a louça.

Pode haver mais de um marcador de pressuposição em uma frase?

Sim, pode. Veja os exemplos a seguir.

- Minha irmã continua bonita mesmo aos 40 anos.

“Continua” pressupõe que antes ela já era bonita. “Mesmo” pressupõe que nessa idade não se espera que uma mulher seja bonita. É claro que nós discordamos desse último pressuposto, mas quem disse a frase acredita que isso seja verdade.

Em um anúncio publicitário de uma clínica de estética, publicado em uma revista para o público feminino, havia as seguintes frases:

- Lute contra a celulite. E desta vez ganhe.

Há o pressuposto existencial de que você, cara leitora, tem celulite.

“Lute” é um verbo no imperativo. Pressupõe: “Nós temos autoridade para dar essa ordem ou esse conselho para você. Você precisa seguir a nossa ordem ou nosso conselho. Celulite não é bom (a gente sempre luta contra algo que não é bom).

“Desta vez” pressupõe que já houve outras vezes, no passado, que você lutou contra a celulite e não ganhou.

Observe como, nesse exemplo, o discurso da publicidade, de forma subentendida, por meio de pressupostos, impõe uma série de “verdades” a seu público-alvo.

A pressuposição se restringe a frases isoladas?

Numa perspectiva estritamente semântica, a análise dos casos de pressuposição se restringe a identificar o marcador de pressuposição e o pressuposto, nos limites da frase (sentença). No ensino de Língua Portuguesa, precisamos analisar esses casos considerando também outros efeitos de sentido dentro da situação de comunicação. Vimos, pelos comentários de vários exemplos, que o pressuposto pode também expressar crítica, elogio, autoridade, preconceito, rivalidade, entre outros sentidos.

Devemos lembrar que os falantes produzem textos/enunciados, ainda que compostos apenas por uma frase. Esses enunciados são produzidos em um contexto sócio-histórico, cultural, ideológico, com finalidades específicas e determinados por uma série de fatores. Todo esse conjunto contribui para os sentidos, que são percebidos tanto na compreensão oral quanto na leitura.

Além do que estudamos nas Unidades 1 e 2, veremos a seguir que os sentidos podem ser construídos e percebidos das perspectivas da pragmática e da enunciação

2.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, estudamos os conceitos semânticos de paráfrase, ambiguidade e pressuposição. Sobre eles, aprendemos que:

- Uma sentença considerada normalmente como sinônima de outra é chamada de paráfrase. A paráfrase se constrói por troca de palavras (relação de sinonímia), por uma mudança na estrutura sintática ou por ambos os recursos.
- No entanto, quando consideramos duas “sentenças sinônimas”, estamos querendo dizer que são “quase sinônimas”, com algumas diferenças.
- A sinonímia absoluta entre sentenças não existe. Sempre há uma diferença de ênfase, de informação que está sendo enfocada, de nível de formalidade.
- Um exercício interessante em sala de aula consiste em analisar uma sentença e sua(s) paráfrase(s), sempre imaginando um contexto de uso, para identificar as diferenças, as sutilezas de sentido, as possibilidades ou não de uma sentença substituir a outra em determinado texto.
- Outro conceito semântico é a ambiguidade (duplo sentido).
- A análise de sentenças ambíguas é um exercício interessante em sala de aula para que os alunos percebam quando a ambiguidade é um problema de redação e quando é um recurso

para determinados efeitos de sentido.

- É um problema quando pode causar dúvida sobre qual dos dois sentidos deve ser considerado. Nesse caso, cabe uma análise linguística na leitura, para identificar os dois sentidos possíveis, e na produção escrita, para o estudante reescrever a sentença ambígua de duas formas, eliminando a ambiguidade.

- Em outros contextos de comunicação, como em propagandas, tiras, piadas, a ambiguidade é usada justamente para causar humor ou prender a atenção do leitor.

- A pressuposição foi estudada porque é um conceito semântico que se refere a um sentido implícito associado a uma sentença (um pressuposto), com valor de verdade para aquela sentença.

- Os pressupostos podem ou não ser marcados por uma palavra ou expressão (marcador de pressuposição).

- Numa perspectiva estritamente semântica, a pressuposição é analisada apenas nos limites da frase (sentença). No ensino de Língua Portuguesa, no entanto, precisamos analisar esses casos considerando também outros efeitos de sentido dentro da situação de comunicação. O pressuposto pode expressar crítica, elogio, autoridade, preconceito, rivalidade, entre outros sentidos.

- Em contextos, os sentidos podem ser construídos e percebidos das perspectivas da pragmática e da enunciação.

- Pragmática e enunciação são temas das próximas Unidades.

2.5 Para saber mais

Para se aprofundar na fundamentação teórica desta Unidade, você pode consultar as referências a seguir.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.

KEMPSON, Ruth M. **Teoria semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

MARCUSCHI, Luiz A. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.



Unidade III

Prágmática

Nesta Unidade, você vai estudar características da abordagem pragmática da língua. Essa abordagem busca explicar afirmações, ordens, alegações, pedidos, predições, promessas, insultos, suposições, desculpas e muitos outros tipos de atos de fala, como um esforço do enunciador para evitar atritos com seu interlocutor ou como uma manobra argumentativa de grande eficácia. As intenções, o conhecimento, as crenças, as expectativas ou os interesses do falante e de sua audiência determinam atos de fala e formas de expressão que são relacionados ao aspecto pragmático da linguagem.



Introdução

A partir da segunda metade do séc. XX, houve uma ampliação dos estudos linguísticos para além dos limites da palavra e da frase/sentença. Uma vertente desses estudos é a Pragmática (veja a figura 2, na Unidade 1). Nesta Unidade, estudaremos alguns aspectos pragmáticos na construção de sentidos que têm relevância para o ensino de Língua Portuguesa.

Veremos que o aspecto pragmático da linguagem diz respeito às intenções, às crenças, às expectativas e aos interesses do falante e de sua audiência. São considerados os atos de fala e as formas de expressão (estratégias de linguagem) em contextos mais imediatos de comunicação, como um esforço do falante/escritor para buscar maior adesão daquele que ouve/lê.

Exercícios de análise linguística relacionados à compreensão e análise dessas estratégias pragmáticas da linguagem são muito bem-vindos no ensino de Língua Portuguesa. Contribuem para o desenvolvimento de habilidades de compreensão de sentidos da língua que não estão explicitados no texto oral ou escrito. Referem-se a sutilezas da linguagem que precisam ser observadas.

Para completar esse tipo de exercício, sugerimos a prática da reescrita de pequenos textos, procurando adequá-los a uma situação de comunicação pragmaticamente mais favorável.

Bons estudos!

3.1 Aspectos pragmáticos da linguagem

A compreensão de um enunciado (um texto representante de algum gênero discursivo) é uma construção de sentidos que mobiliza muitos saberes e habilidades, dentro de um contexto sócio-histórico. Esses saberes são, entre outros, conhecimentos gerais, conhecimentos sobre a língua, a situação comunicativa e suas “regras”, as condições de produção e de circulação do gênero discursivo a que pertence o enunciado. Devemos sempre lembrar que o enunciador (quem produz o enunciado) e o coenunciador (o leitor ou ouvinte) estão inseridos no contexto sócio-histórico em que a linguagem se realiza.

De modo geral, quando um enunciador (falante ou escritor) escolhe uma forma de linguagem e não outra com o intuito de estabelecer uma relação melhor com seu coenunciador (ouvinte ou leitor), pode-se dizer que ele está mobilizando procedimentos pragmáticos da linguagem.

A Pragmática abrange um contexto maior de comunicação do que a semântica formal.

“[...] a Pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da língua, com vista em seus usuários, na prática linguística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática. Pode ser considerada a ciência do uso linguístico”, como afirma Pinto (2000, p. 47).

Os aspectos pragmáticos da linguagem indicam a relação que o enunciador quer estabelecer com seu coenunciador. Muitos conflitos ou possíveis conflitos das relações humanas podem ser evitados pelas escolhas linguísticas adequadas, mesmo que o assunto seja “delicado”.

Nos exercícios sobre paráfrase da Unidade 2, ao fazer paráfrases das frases “Você fica feia com esse vestido!”; “A senhora está devendo uma parcela de pagamento nesta loja.”; ao evitar ofender ou confrontar suas interlocutoras, ou mesmo evitar atrito para que elas fizessem o que você queria que elas fizessem (trocassem de roupa; pagassem a conta atrasada), você usou estratégias pragmáticas ao dizer, por exemplo: “Esse vestido não cai bem em você!”; “O sistema está acusando uma parcela em aberto.”

De acordo com Kempson (1980), o aspecto pragmático da linguagem refere-se às características de sua utilização (motivações psicológicas dos falantes, reações dos interlocutores,

tipos socializados da fala). A Pragmática estuda o uso concreto da língua, com vistas em seus usuários e nas relações que eles estabelecem em sociedade pelos atos de linguagem. Muitos conflitos resultam de falta de escolhas pragmáticas; em muitas situações delicadas, as escolhas pragmáticas causam empatia e evitam os conflitos. As teorias pragmáticas se concentram na análise de enunciados que, colocados num contexto discursivo maior, nos revelam muito das produções linguísticas.

As intenções do falante, o conhecimento, as crenças, as expectativas ou os interesses do falante e de sua audiência determinam atos de fala e formas de expressão que são relacionados ao aspecto pragmático da linguagem. Esse aspecto se revela na forma como são feitas afirmações, ordens, alegações, pedidos, predições, promessas, insultos, suposições, desculpas e muitos outros tipos de atos de fala.

O principal objetivo da Pragmática é dar explicação ao uso que os falantes podem dar a sentenças da língua. Em geral, o uso pragmático da linguagem está ligado a um esforço do enunciador para evitar atritos com seu interlocutor ou a uma manobra argumentativa de grande eficácia. A Pragmática se restringe à análise de contextos mais imediatos de comunicação para entender esse esforço do falante/escritor e as estratégias de linguagem que ele usa para buscar maior adesão daquele que o ouve/lê.

3.2 Alguns exemplos para análise

Na porta de um elevador parado para conserto é colocada uma placa que poderia ter qualquer uma das frases abaixo.

- Elevador quebrado.
- Elevador parado para conserto.
- Em manutenção.
- Estamos trabalhando para seu maior conforto e segurança.

Qual provavelmente deixaria o usuário mais irritado, mal-humorado? Qual poderia dar a notícia de forma a causar menos conflito entre enunciador e coenunciador? Por quê?

Repare que os três primeiros enunciados dão a notícia “nua e crua”, “na lata”, como se diz popularmente. Elas passam a mensagem que devem passar, mas de forma muito brusca. Podem causar reações como: “Que chato, que “(palavrão)”, esse elevador quebrado!

A quarta opção de enunciado dá a notícia também, mas evita termos negativos como “quebrado” e já adianta que há um empenho da administração para resolver o problema. O leitor vai ficar chateado porque vai ter que subir as escadas, mas talvez ele fique menos bravo

com uma mensagem mais amenizada.

O uso das pessoas do discurso também revela aspectos pragmáticos interessantes. Por que um professor usaria a primeira pessoa do plural para mandar os alunos fazerem um exercício se, de fato, ele não vai fazer o exercício junto com os alunos? Analise a seguinte fala do professor:

Então, agora, vamos fazer o exercício da página tal.

Repare que o “vamos” inclui o professor na tarefa apenas de modo simbólico. Mas passa a ideia de que ele está junto com os alunos. Está ali para dar a maior força. É mais amigável do que: Façam o exercício da página tal.

Imagine uma situação em que os alunos estão esperando receber um certificado num dia marcado pela escola. No entanto, o computador em que os certificados seriam confeccionados quebrou. Como a secretaria da escola poderia redigir um aviso, para colocar na porta, e causar menos críticas dos alunos? O que você acha deste abaixo?

Nosso computador quebrou, por isso não conseguimos fazer os certificados. Eles ficarão prontos só na sexta-feira.

Muito ruim! A escolha de palavras não foi pensada da perspectiva da Pragmática. As palavras “quebrou”, “não conseguiremos” são muito negativas. O marcador de pressuposição “só” também remete a um pressuposto negativo: “vai demorar”. Imagine o que os alunos poderiam dizer a respeito da competência da escola e do pessoal da secretaria!

Como o aviso pode ser reescrito de modo a dar a notícia da maneira mais pragmática possível, ou seja, da maneira que cause menos conflito entre escola e alunos? Pense em um texto.

Outro aspecto pragmático interessante do português do Brasil é a forma como fazemos pedidos ou damos ordem fora de casa. Em casa, as preocupações com o interlocutor são menores; temos menos receio de parecer mal-educados ou ríspidos. Usamos mais verbos no modo imperativo. É mais comum darmos ordens como:

- Fulano, feche a porta!
- Fulano, me ajude a arrastar este sofá!

Fora de casa, temos mais preocupação com a escolha da linguagem para parecermos mais amáveis, para buscarmos mais adesão do outro para aquilo que queremos ou precisamos. Em resumo, fazemos um uso mais pragmático da linguagem e evitamos usar o verbo no imperativo. Usamos outras alternativas, como:

– Fulano, você poderia fechar a porta? Ou: - Fulano, eu gostaria que você fechasse a porta.

– Fulano, você poderia me ajudar a arrastar este sofá?

Repare que nós evitamos dar uma ordem (usar o verbo no imperativo) e preferimos fazer uma pergunta que serve como motivação, ou dar uma sugestão. É um jeitinho menos “mandão” de conseguir o que queremos.

Pense em quando vamos comprar um sapato. Nós vamos a uma loja e dizemos ao vendedor: “Eu queria ver aquele sapato.”, ou “Eu quero ver aquele sapato.”, em vez de dizer “Me mostre aquele sapato.”. Novamente, esse jeitinho mais educado é uma estratégia pragmática de uso da linguagem típica do português do Brasil.

3.3 Mais um exemplo

Quando empresas precisam comunicar coisas desagradáveis a seus clientes, o aspecto pragmático da linguagem fica muito evidente.

Analise o comunicado a seguir, que tinha o objetivo de comunicar que houve problemas no freio de dois modelos de veículos fabricados pela Ford, em 2004. Um assunto delicado, mas necessário.

Observe que o primeiro parágrafo faz a convocação. O segundo parágrafo é o mais complicado de redigir, pois tem que explicar qual é o problema, sem assustar os consumidores, sem prejudicar a imagem da marca, sem deixar os consumidores revoltados por terem pago tão caro por um carro novo que saiu com problemas da fábrica.

Analise alguns aspectos das escolhas de linguagem do comunicado a seguir, considerando o ponto de vista pragmático (particularmente o esforço do enunciador para evitar atritos com seu interlocutor). Que trechos você percebe que foram escritos com o maior cuidado para minimizar o problema?

COMUNICADO

ATENÇÃO, PROPRIETÁRIOS DE VEÍCULOS FORD NOVO FIESTA E ECOSPORT.

A FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA. convoca os proprietários de 146 veículos Novo Fiesta e 82 de EcoSport, fabricados no período de 2 a 11 de fevereiro de 2004, incluídos entre os números de chassi abaixo, a comparecerem a um Distribuidor Ford, a fim de que seja efetuada, gratuitamente, a substituição dos parafusos de fixação da pinça de freio.

NOVO FIESTA 48176654 a 48178316
ECOSPORT 48558173 a 48558808

Essa convocação se deve à constatação, ainda no interior da fábrica, de uma não-conformidade no processo de proteção superficial desses parafusos, o que pode torná-los frágeis. Em casos extremos, ocorrendo a quebra desses parafusos, poderá haver uma diminuição da eficiência do freio do veículo.

Visando resguardar a segurança e a satisfação de seus consumidores, a Ford adota essa medida e solicita que entrem em contato com o Centro de Atendimento Ford, pelo telefone 0800 703-3673, ou pelo site: www.ford.com.br para verificar se o seu veículo está afetado pela presente campanha, agendando a substituição, se necessária.



O Estado de S. Paulo
21/02/04

O Estado de S. Paulo, 21/02/2004

Podemos destacar, no segundo parágrafo:

- “... se deve à constatação, ainda no interior da fábrica”

Observe que há um esforço de dizer que a fábrica foi rápida em perceber o problema, ainda no seu interior. Quer dizer que não foi ninguém de fora que percebeu. O problema foi percebido graças à eficiência da fábrica.

- “... de uma não-conformidade no processo de proteção superficial desses parafusos”

Observe que uma “não-conformidade” é um termo para amenizar “um defeito”; “proteção superficial” também passa a ideia de que não é muito grave, é quase nada.

- “...o que pode torná-los frágeis”

Essa é uma forma amenizada de dizer: “eles podem quebrar”. Então não é quase nada! A frase seguinte deixa escapar que “eles podem quebrar”, mas tenta fazer parecer que é algo muito remoto:

- “Em casos extremos, ocorrendo a quebra desses parafusos, poderá haver uma diminuição da eficiência do freio do veículo”.

Se acontecer um caso extremo, o parafuso vai quebrar e o freio vai falhar. E quanto vai diminuir a eficiência? 10%, 50%, 80%? E se o carro estiver em alta velocidade, ou descendo uma serra? Veja como a escolha das palavras minimizou muito o perigo. A um leitor menos atento, pode até parecer que quase não é um problema. Talvez todas essas escolhas pragmáticas possam até fazer com que os consumidores (donos desses veículos) não percebam o perigo e demorem a comparecer a um Distribuidor Ford. Isso seria um efeito negativo das escolhas pragmáticas para o consumidor. Mas a imagem da marca ficou preservada.

A Pragmática se restringe a contextos mais imediatos de comunicação. Posteriormente ao desenvolvimento dos estudos sobre pragmática, a partir dos anos 1960, 1970, os estudos enunciativos-discursivos da linguagem ampliaram o escopo dos estudos da linguagem e mostraram que os contextos de comunicação, além dos aspectos pragmáticos, também devem considerar aspectos sociais, culturais, históricos, ideológicos. É o que estudaremos na Unidade 4.

3.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, você estudou que:

- A Pragmática abrange um contexto maior de comunicação do que a semântica formal, pois vai além dos limites da palavra e da frase/sentença.
- De modo geral, quando o falante ou escritor escolhe uma forma de linguagem e não outra com o intuito de estabelecer uma relação melhor com seu ouvinte ou leitor, pode-se dizer que ele está mobilizando procedimentos pragmáticos da linguagem.
- Exemplos disso são, em vez de você dizer: “O senhor não entendeu”, você dizer: “Acho que eu não fui claro para explicar ao senhor”; “Desculpa, acho que minha explicação não foi clara”.

A Pragmática estuda o uso concreto da língua, com vistas em seus usuários e nas relações que eles estabelecem em sociedade pelos atos de linguagem, como afirmações, ordens, alegações, pedidos, predições, promessas, insultos, suposições, desculpas e muitos outros tipos de atos de fala.

- Em muitas situações delicadas, as escolhas pragmáticas causam empatia e evitam os conflitos.
- Exercícios de análise linguística de pequenos textos, a partir da perspectiva pragmática, são interessantes no ensino de Língua Portuguesa, pois contribuem para que os estudantes aprimorem suas percepções a respeito das possibilidades de sentido da língua, em função das escolhas linguísticas e dos contextos de produção de linguagem.
- Contribuem também para o desenvolvimento de habilidades de compreensão de sentidos da língua que não estão explicitados no texto oral ou escrito. Referem-se a sutilezas da linguagem que precisam ser observadas.

3.5 Para saber mais

Para se aprofundar na fundamentação teórica desta Unidade, você pode consultar as referências a seguir.

KEMPSON, Ruth M. **Teoria semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

PINTO, Joana P. Pragmática. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 47-68.



Unidade IV

Enunciação

O objetivo desta Unidade é estudar a expansão dos estudos linguísticos, a partir dos anos 1960, 1970, para além dos níveis estruturais da língua, especialmente aqueles com foco na enunciação. São estudos que consideram o sujeito na cena enunciativa, ou seja, entendem que os sentidos são constituídos nas relações humanas, pela linguagem, em contextos sócio-históricos. A Unidade é finalizada com a constatação de que a BNCC (BRASIL, 2018) assumiu a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem para o ensino de Língua Portuguesa.

Introdução

Esta Unidade apresenta o conceito de enunciação e como as teorias enunciativas ultrapassaram os limites semânticos dos níveis estruturais da língua (os estudos da significação da palavra e das frases/sentenças). Explica a importância da cena enunciativa (do contexto sócio-histórico) e da interação entre os participantes da situação de comunicação para a constituição dos enunciados e dos seus sentidos.

Na sequência, a Unidade destaca que várias teorias da enunciação foram desenvolvidas, cada uma com algum foco de interesse mais específico. Esses estudos foram denominados inicialmente como “enunciativos” e alguns como “enunciativo-discursivos”, dependendo do autor que se toma como base. A apresentação conceitual do tema “Enunciação” destaca os traços principais do que Flores e Teixeira (2005) denominaram “linguística da enunciação”.

Das muitas teorias da enunciação, esses autores explicam que a concepção enunciativo-discursiva da linguagem, desenvolvida pelo filósofo russo Bakhtin e seu Círculo de pensadores, propõe o enunciado concreto (e não palavras ou frases isoladas) como a unidade de análise. Além disso, coloca o contexto de enunciação, com todos os seus fatores envolvidos, como o “centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos”, no qual o enunciador (locutor ou escritor) “se institui na interação viva com vozes sociais” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 45). A Unidade termina explicando porque essa perspectiva bakhtiniana de linguagem é a que mais tem impacto no ensino de Língua Portuguesa atualmente e é a adotada pela BNCC (BRASIL, 2018). Dos seus muitos conceitos, que explicam o complexo fenômeno da linguagem humana, esta Unidade destaca o conceito de gênero do discurso (ou gênero discursivo), que tem se mostrado muito produtivo para o desenvolvimento de práticas de linguagem no ensino de línguas. Assim, esta última Unidade do e-book “Linguística: semântica, pragmática e enunciação” explicita como o estágio atual dos estudos linguísticos nos mostra que os sentidos da língua se constituem a partir de enunciados concretos, situados em contextos sócio-históricos.

Bons estudos!

4.1 A enunciação no contexto dos estudos linguísticos

A partir dos anos 1960, 1970, os estudos linguísticos ampliaram muito o seu escopo. Várias áreas de estudo da língua se desenvolveram para além dos níveis estruturais (sistêmicos) da língua, que são fonologia, morfologia, sintaxe, semântica. Vimos, na Unidade 1, que a semântica de unidades linguísticas (itens lexicais ou palavras) e frases isoladas se mostrou uma abordagem limitada do sentido. Essas quatro dimensões da língua – fonologia, morfologia, sintaxe e semântica – são consideradas o nível linguístico, pertencentes a um sistema linguístico (ILARI, 2004).

Vários estudiosos da linguagem começaram a buscar entender outras dimensões da língua, no nível extralinguístico, que envolvem fatores sociais, comunicativos, interativos, cognitivos e sócio-históricos da linguagem verbal humana. O estudo da língua nesse nível vai muito além de frases isoladas. Tem de considerar o todo da comunicação, ou seja, o enunciado completo (toda a produção de linguagem realizada em uma determinada situação, por um determinado sujeito).

Vários autores desenvolveram teorias da enunciação, cada uma com algum foco de interesse mais específico. Esses estudos foram denominados inicialmente como “enunciativos” e alguns como “enunciativo-discursivos”, dependendo do autor que se toma como base. Não cabe aqui distinguir detalhes dessas teorias, mas importa destacar os traços principais do que Flores e Teixeira (2005) denominaram “linguística da enunciação”. Também nos interessa perguntar como e por que essa linguística da enunciação pode influenciar o ensino de Língua Portuguesa.

A figura 2, apresentada na Unidade 1, é reproduzida novamente a seguir para nos lembrar de que, quando falamos em enunciação e em discurso, estamos nos referindo ao nível mais amplo de análise da língua, que engloba todos os demais. Estamos considerando toda a situação de enunciação – ou a cena enunciativa – constituída por inúmeros fatores do contexto sócio-histórico das situações reais de produção de linguagem.

Para essa perspectiva de compreensão dos sentidos da linguagem humana, é preciso partir de uma definição de língua que inclui os níveis linguísticos e extralinguísticos. A definição apresentada por Marcuschi (1996) tem sido repetida em disciplinas deste Curso de Letras porque é uma definição muito completa e que contempla também o nível enunciativo-discursivo da língua/linguagem.

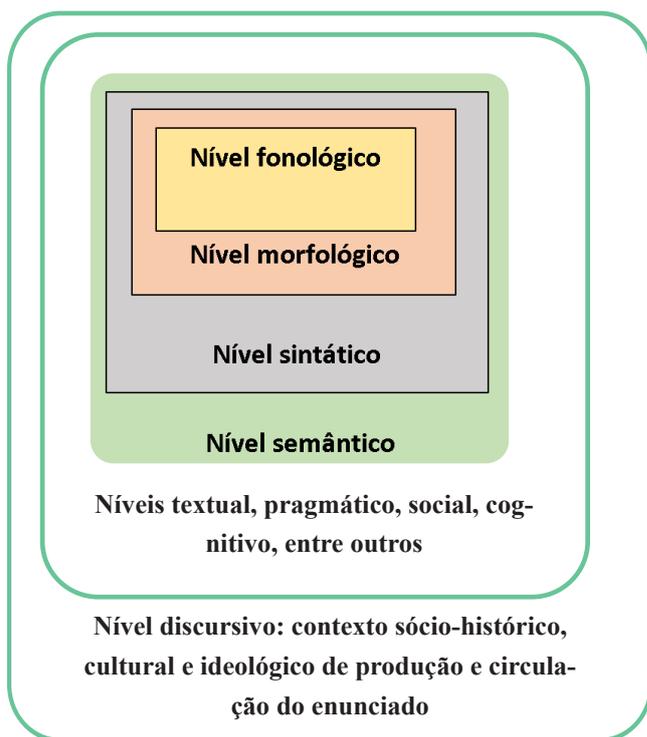


Figura 2. Língua como fenômeno sócio-histórico
 Fonte: Lopes-Rossi (2022)

A língua não é sequer uma estrutura; ela é estruturada simultaneamente em vários planos, tais como o fonológico, o sintático, o semântico e o cognitivo, que se organizam no processo de enunciação. A língua é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto.
 (MARCUSCHI, 1996, p. 71-72)

Nessa atual perspectiva de língua, é comum o uso do termo “língua”, mais até do que o uso do termo “língua”. Por quê? Justamente porque o termo “língua” está mais associado a elementos da estrutura linguística (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica formal). O termo “língua” é mais amplo e pode abarcar inúmeros aspectos não verbais (extralinguísticos) que constituem as produções dos enunciados.

O nível extralinguístico é composto de todos níveis contextuais nos quais as produções de língua ocorrem em situações reais e nos quais os sentidos são construídos na interação entre os participantes da situação de comunicação.

No caso das produções orais, “efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc”, como destaca a BNCC (BRASIL, 2018, p. 79), também são considerados porque produzem efeitos de sentido. Nas produções escritas, consideram-se imagens, fotos, cores, diagramação e todos os outros elementos que por ventura compuserem a produção, incluindo movimentos, sons, hiperlinks e outros recursos das produções veiculadas pela internet.

Todas essas características das produções de língua são determinadas pela situação de comunicação, que se constitui no nível enunciativo-discursivo.

O que é enunciação?

A enunciação se refere “às relações entre linguagem em uso e sujeito” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 7).

A enunciação é a instância de realização da língua, envolvendo um sujeito, num tempo e num espaço, colocando em relação inúmeros fatores desse contexto sócio-histórico.

Já foi mencionado que uma linguística da enunciação começou a se desenvolver com teorias que buscaram ultrapassar os limites semânticos dos níveis estruturais da língua (os estudos da significação da palavra e das frases/sentenças) e visaram a:

“[...] evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. As marcas de enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter à instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação.” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 12).

O sujeito da enunciação e o contexto de uso são essenciais para que os fenômenos da linguagem sejam explicados, para que seus sentidos sejam constituídos e para que a compreensão entre os participantes da situação de comunicação seja estabelecida. Afirmam Flores e Teixeira (2005, p. 109):

“Aos que iniciam seus estudos em linguística é sempre bom lembrar: na realidade, não há um centro (a língua) que possa ser estudado de forma independente de tudo que o cerca, o que existe é a língua/linguagem concebida sempre de acordo com um ponto de vista teórico. Assim, não há como manter a dicotomia centro/exterioridade, menos ainda a dicotomia científico/não científico. A legitimidade do que temos chamado de linguística da enunciação é derivada exatamente da delimitação de seu ponto de vista, qual seja, o que considera a língua desde as relações do homem com o outro, do homem com a língua, do homem com o mundo via língua” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 109).

Dependendo da abordagem teórica de estudo dos usos da língua, o contexto é definido de forma diferente, sendo mais ou menos amplo e determinado por diferentes fatores. O sujeito produtor de enunciados num determinado contexto também é definido de formas diferentes nas diversas teorias. Essas diferenças, no entanto, não causam grande impacto no ensino. Interessam-nos os traços principais da Linguística da enunciação.

As práticas de ensino de língua portuguesa não podem ignorar, portanto, que a língua se realiza na cena da enunciação (em contextos reais de comunicação) e é permeada por todos os fatores envolvidos. As práticas de linguagem em sala de aula – as quatro propostas pela BNCC (BRASIL, 2018) são de leitura, de produção oral, de produção escrita e de análise linguística – precisam se desenvolver com base nesses pressupostos.

Para saber mais sobre o tema Enunciação:

Assista à excelente aula do Prof. Dr. José Luiz Fiorin sobre a Teoria da Enunciação. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RQzJa-FYiqhc&ab_channel=TVCultura

Assista também à palestra do Prof. Dr. Eduardo Guimarães sobre Semântica da Enunciação Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6CMJ4iu-IYY&ab_channel=Abralin

Como trabalhar com a linguagem em sala de aula a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem?

Flores e Teixeira (2005) explicam que, na semântica proposta pelo filósofo russo Bakhtin e seu Círculo de pensadores, a intersubjetividade (a interação pela linguagem entre o falante/escritor e seu interlocutor) tem papel preponderante. A concepção bakhtiniana de linguagem tem como pressuposto que todo enunciado já traz no seu acabamento o germe de uma resposta. A interação entre o falante/escritor e seu interlocutor estabelece um processo ativo de significação. O “outro” é sempre constitutivo da linguagem humana e constitui-se nas interações pela linguagem.

O enunciado concreto (e não palavras ou frases isoladas) é a unidade de análise da teoria enunciativa de Bakhtin e o Círculo. O contexto de enunciação, com todos os seus fatores envolvidos, é o “centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos”, no qual o enunciator

(locutor ou escritor) “se institui na interação viva com vozes sociais” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 45). Essa perspectiva de linguagem, também denominada “enunciativo-discursiva”, desenvolveu uma série de conceitos úteis para explicar o complexo fenômeno da linguagem humana. Especialmente o conceito de gênero do discurso (ou gênero discursivo) tem se mostrado muito produtivo no ensino de línguas.

Essa perspectiva de linguagem é a que mais tem impacto no ensino atualmente e é a adotada pela BNCC (BRASIL, 2018). Por isso, os estudos enunciativo-discursivos da linguagem desenvolvidos pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e seu Círculo de estudiosos são de interesse especial.

4.2 A concepção enunciativo-discursiva da linguagem

Na perspectiva (concepção, abordagem) bakhtiniana de linguagem, os atos de comunicação verbal concreta/real, realizados nas diferentes esferas de atuação humana, são chamados de enunciados. Cada enunciado apresenta características relativamente estáveis (típicas, reconhecidas pelos participantes da situação), moldadas pelas necessidades daquela situação, e é um exemplar de um gênero do discurso ou discursivo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006).

Toda produção de linguagem oral ou escrita é um exemplar (um enunciado) concreto de um gênero discursivo, como por exemplo: conversa, xingamento, elogio, sugestão, palestra, sermão, carta, notícia, reportagem, poema, bilhete, passagem de ônibus, conto, nota fiscal. Além desses, há centenas de outros gêneros discursivos possíveis, inclusive muitos surgidos recentemente, com os avanços da internet, como podcast, vlog, fanfic. Quando se fala em texto, nessa concepção, fala-se em uma produção real de linguagem oral ou escrita, um enunciado concreto, um exemplar de um gênero discursivo.

Observe que o termo “enunciado” traz em si a significação do que já foi definido nesta Unidade. Isso quer dizer que não estão sendo considerados apenas os elementos linguísticos (palavras e frases), mas também todo o conjunto de elementos extralinguísticos (não verbais) que constituem o enunciado. Na perspectiva bakhtiniana de linguagem, entram também na constituição do enunciado todas as relações que ele estabelece com outros enunciados passados, contemporâneos a ele e até futuros, que serão produzidos em resposta ou reação a ele. Isso se relaciona ao conceito de dialogismo. Um enunciado, qualquer que seja, nunca é uma produção de linguagem solta, isolada.



Fiorin (2009, p. 53) explica que “[...] sem perceber as relações dialógicas, não se chega à compreensão”. Essa condição é necessária porque a propriedade dialógica da linguagem é estruturante de todo o pensamento bakhtiniano. “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” (BAKHTIN, 2003, p. 296) e não pode ser compreendido fora dessa cadeia. Dessa forma, os sujeitos estão sempre apreendendo vozes sociais que vão sendo reproduzidas ao longo da história. Os sentidos das palavras não vêm do dicionário e não são construídos pela consciência isolada de um sujeito. As palavras significam no todo do enunciado e, nessa perspectiva dialógica da linguagem, não são neutras; elas chegam ao falante ou ao escritor ou ao leitor “cheias de ecos de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 294). E, assim, cada enunciado é pleno de palavras dos outros, carregadas de expressão e tom valorativo.

O falante (ou escritor) parte de uma intenção discursiva (vontade discursiva, projeto de discurso, propósito comunicativo) e escolhe um gênero do discurso que lhe permita realizar seu intento. O gênero escolhido determina os elementos que o compõem, que atendem às especificidades da situação de comunicação, ou do contexto sócio-histórico de produção, de circulação, de recepção. As escolhas pragmáticas, que estudamos na Unidade 3, são feitas em função desse contexto todo.

Na afirmação de Bakhtin/Volochínov (2006):

[...] a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 128).



Essa citação mostra bem que, na abordagem bakhtiniana (enunciativo-discursiva) da linguagem, o caráter social e situado da linguagem humana é determinante. Tanto é importante, que esses autores estabelecem que o estudo da língua deve sempre começar com “As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que [a língua] se realiza” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 129).

Nessa perspectiva, um enunciado nunca se repete, pois as suas condições de produção são únicas. O tempo não para e não volta, logo, um segundo depois já é outro tempo, outro momento, outra situação. Apenas os elementos linguísticos se repetem: os fonemas, as palavras, as estruturas gramaticais. Mas já estudamos que esses não são suficientes para formar os enunciados, que precisam se realizar no contexto sócio-histórico de produção e circulação do enunciado. Esse todo da enunciação é único e irrepetível.

Os sentidos da língua, portanto, se formam no todo do enunciado, que nunca acontece sem a interação intersubjetiva entre os participantes da situação. Todo esse conjunto de fatores precisa ser considerado no ensino.

O conceito de gênero discursivo, por englobar os aspectos verbais e não verbais da linguagem, com todo esse caráter enunciativo, se mostra muito produtivo no ensino. A partir de um exemplar de um gênero discursivo, materializado em algum texto, é possível desenvolver práticas de leitura, de produção e de análise linguística que destaquem objetos de conhecimento (conteúdos da linguagem) realmente contextualizando-os em uma situação de comunicação. Assim, serão estudados como o que Bakhtin (2003) denomina unidades do discurso, ou seja, formas com sentidos tecidos na esfera de produção e nas relações dialógicas do enunciado.

Também os elementos visuais (imagens, cores, elementos de diagramação, infográficos, entre outros) e os elementos que a tecnologia digital pode incorporar aos textos veiculados pela internet devem ser estudados nesse todo do enunciado. Ou seja, a multissemiose da linguagem pode e deve ser contemplada.

4.3 A BNCC e a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem

Tudo o que estudamos nesta Unidade fornece subsídios teóricos para o trabalho nas aulas de Língua Portuguesa, de acordo com as prescrições da BNCC (BRASIL, 2018). Como explica Lopes-Rossi (2021, p. 8), esse documento:



[...] manifesta-se por uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem. Embora não explicita suas fontes, é possível identificar uma filiação teórica ao Círculo de Bakhtin em várias passagens a respeito da concepção de texto e de gêneros discursivos [...]. A BNCC faz considerações sobre o contexto contemporâneo e sobre a necessidade de a escola incorporar a seu currículo as linguagens midiáticas e digitais e seus modos de funcionamento, por meio de práticas de linguagem compreendidas em quatro eixos: oralidade, leitura/escuta; produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica. Essas práticas devem se efetivar por gêneros discursivos que circulam em cinco campos de atuação social priorizados pelo documento: vida pessoal, práticas de estudo e pesquisa, atuação na vida pública, jornalístico-midiático, artístico-literário.

Alguns excertos desse documento, reproduzidos a seguir, são claramente fundamentados na concepção de linguagem que acabamos de estudar. O componente Língua Portuguesa já começa a ser apresentado assim:

Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2018, p.67).

A primeira competência específica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental também deixa claro que a concepção de língua como estudamos (ver figura 2) é a que deve guiar as práticas de linguagem, pois o documento propõe:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. (BRASIL, 2018, p. 87)

A BNCC (BRASIL, 2018) contempla essa dinâmica da língua propondo práticas de linguagem com gêneros discursivos já existentes há muito tempo na nossa sociedade, bem como com gêneros emergentes e multissemióticos. Mesmo que o foco do estudo (o objeto de conhecimento) seja um aspecto gramatical da língua, como tempos verbais, por exemplo, não é adequado mais apenas passar uma lista dos tempos verbais existentes, as suas definições e desenvolver exercícios de identificação do tempo verbal das frases. Esse tipo de exercício foca somente as significações expressas pelas estruturas linguísticas. Isso é apenas uma parte dos sentidos possíveis.

A proposta da BNCC, em consonância com os estudos linguísticos de base enunciativo-discursiva, é sempre analisar, compreender, utilizar os recursos linguísticos de modo contextualizado, no todo da enunciação. Para isso, é sempre necessário identificar que gênero discursivo aquele enunciado representa. Muitas habilidades prescritas pela BNCC poderiam ser aqui destacadas, pois ressaltam essa inserção da linguagem no todo da enunciação. Vamos reproduzir apenas uma, para finalizar:

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e personagens em discurso direto e indireto, do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo (BRASIL, 2018, p. 159).

Finalizando esta Unidade e essa Disciplina, cabe lembrar que Marcuschi (2008) explica que os estudos semânticos sempre tentaram construir um aparato rigorosamente formal para caracterizar a natureza do significado nas línguas naturais. No entanto, formulações lógicas para análise de sentenças mostraram algum tipo de lacuna ou impasse teórico na explicação da significação. Ficou claro que a semântica das línguas naturais vai muito além do significado das palavras.

Nos estudos linguísticos mais recentes, várias teorias enunciativas partem do princípio de que a linguagem não tem uma semântica imanente, ou seja, dela própria, mas que a significação resulta de um trabalho social. As palavras são signos construídos nas condições de socialização. Nós, seres linguísticos, também somos construídos e nos definimos na convivência social.

Por isso, nesta disciplina, fomos do semântico mais restrito ao enunciativo-discursivo, que é a perspectiva mais ampla de compreensão e análise linguística. Vimos que os conceitos semânticos devem ser abordados sempre em contextos, para que sua significação possa ser realmente percebida.

4.4 Síntese da Unidade

Nesta Unidade, você estudou que:

- Os estudos linguísticos ampliaram muito suas áreas de estudo, para além dos níveis estruturais (sistêmicos) da língua, que são fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, em busca da resposta para a pergunta: De onde vêm os sentidos da língua?
- Os sentidos das produções de linguagem são determinados pela situação de comunicação, que se constitui no nível enunciativo-discursivo.
- A enunciação é a instância de realização da língua, envolvendo um sujeito, num tempo e num espaço, colocando em relação inúmeros fatores desse contexto sócio-histórico.
- As práticas de ensino de língua portuguesa não podem ignorar que a língua se realiza na cena da enunciação (em contextos reais de comunicação) e é permeada por todos os fatores envolvidos.
- A semântica proposta pelo filósofo russo Bakhtin e seu Círculo de pensadores estabelece o enunciado concreto (e não palavras ou frases isoladas) como a unidade de análise da língua.
- Essa concepção enunciativo-discursiva da linguagem desenvolveu uma série de conceitos úteis para explicar o complexo fenômeno da linguagem humana. Especialmente o con-

ceito de gênero do discurso (ou gênero discursivo) tem se mostrado muito produtivo no ensino de línguas por englobar os aspectos verbais e não verbais da linguagem, com todo esse caráter enunciativo.

- A partir de um exemplar de um gênero discursivo, materializado em algum texto, é possível desenvolver práticas de leitura, de produção e de análise linguística que destaquem objetos de conhecimento (conteúdos da linguagem) realmente contextualizando-os em uma situação de comunicação.

- A BNCC (BRASIL, 2018) assume a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem como referência para o ensino e o conceito de gênero discursivo como o referencial para as práticas de linguagem (oral, escrita, leitura e análise linguística).

- Os conceitos semânticos devem ser abordados sempre em contextos, para que sua significação possa ser realmente percebida.

4.5 Para saber mais

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC; SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

FLORES, Valdir do N.; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, J. L. Leitura e dialogismo. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 41-59.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 53-92.



LOPES-ROSSI, M. A. G. Práticas de leitura em Língua Portuguesa a partir da BNCC: em que se fundamentam e como realizá-las em sala de aula? **Linha D'Água**: São Paulo, v. 34, n. 03, p. 5-26, set.-dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v34i3p5-26>.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Sequência didática de leitura de gêneros discursivos como uma possibilidade prática na pedagogia dos multiletramentos. In: BUNZEN, C. (org.). **Pedagogização dos gêneros no contexto brasileiro**: críticas, possibilidade e desafios. Recife: Pipa, 2022. E-book. ISBN: 978-65-87033-34-1. (No prelo).

MARCUSCHI, Luiz A. Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996. p. 64-82. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2067/2036>.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

UNITAU

digital

ISBN: 978-65-86914-62-7

CD



9 786586 914627